

Claudia Barbosa Reis

Memória de um jardim

ESTUDO DO ACERVO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA 6





Memória de um jardim

ESTUDO DO ACERVO DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA **6**

residente da República
Ílma Vana Rouseff

Ministra da Cultura
Ana de Hollanda

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente
Vanderley Guilherme dos Santos

Diretor Executivo
Hélio Portocarrero

Diretora do Centro de Memória e Informação
Ana Pessoa

Chefe do Museu
Luiz Seckler

Diretora do Centro de Pesquisa
Christiane Laidler

Chefe do Setor de Edição
Benjamin Albagli Neto

Projeto gráfico
Stela Kaz

Reis, Claudia Barbosa.

Memória de um jardim / Claudia Barbosa Reis. – 2. ed. – Rio de Janeiro : Edições Casa de Rui Barbosa, 2011.

56 p. : il. – (Estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa, 6)

ISBN 978-85-7004-305-4

1. Museu Casa de Rui Barbosa. 2. Jardim. I. Fundação Casa de Rui Barbosa. II. Título. III. Série.

CDU 069.02: 92 (086.6)



CLAUDIA BARBOSA REIS

Memória de um jardim

ESTUDO DO ACERVO

DO MUSEU CASA DE RUI BARBOSA **6**

2ª edição atualizada de acordo com a nova ortografia

FUNDAÇÃO  Casa de Rui Barbosa



Alameda principal do jardim da Casa de Rui Barb



Agradeço à generosidade de Carlos Fernando de Moura Delphim, ao estudioso Miguel Gastão da Cunha e aos colegas do Museu, José Manoel de Andrade Pires, Rômulo Torres Baker e Aurélio Cardoso de Santana .

Com especial destaque agradeço a Marco Antonio Moreira da Silva, que deu início ao trabalho de observação sistemática do jardim de Rui.

Registre-se que trabalhos dos museólogos Henrique Vasconcelos Cruz, então estagiário, e Christine Correa, e da estagiária de arquivologia Isabelle da Rocha Brandão, forneceram subsídios para este texto.

*Em Botafogo, à sombra das árvores do parque ou no grande portão,
Julieta espera Romeu, elegante e solitária.*

A alma encantadora das ruas, *João do Rio*



Espelho d'água no jardim





SUMÁRIO

- 8 Apresentação
- 11 Introdução
- 15 Uma casa para um barão
- 23 O jardim da Vila Maria Augusta
- 31 O amor pela natureza
- 35 Jardim de museu
- 43 Memória do intangível, um novo conceito de museu
- 49 Conclusão
- 51 Inventário do acervo museológico ligado ao jardim
- 55 Bibliografia



APRESENTAÇÃO

Carlos Fernando de Moura Delphim

Um jardim é um labirinto. Como em uma biblioteca, como em um museu, cada um de seus elementos nos remete a outros mil, às inter-relações entre cada um desses elementos, ao conjunto formado por todos eles.

Procuramos uma informação. O nome de uma planta, a época de sua floração. Cada informação nos remete a mil outras...

No museu, dentro da casa, as peças parecem imutáveis; uma tela é sempre uma tela, um livro é sempre o mesmo livro, uma porcelana não sofre modificações perceptíveis durante os séculos.

No jardim, tudo se move. Hoje um botão, amanhã uma flor, depois um fruto. Em tudo há perpetuidade. O transitório e o fugaz também podem ser permanentes. Nada pode devolver o brilho de uma gota de orvalho sobre uma pétala de rosa. Nada, senão nossa fantasia, nada, senão nossa capacidade de poder olhar muito além do museu, muito além do jardim. Tire os olhos do livro, da velha casa, das flores. Olhe longe, olhe perdidamente além do mundo visível. É a única forma de ver o que parece irrecuperavelmente perdido.

Em tudo, contudo, uma renovação ocorrerá se, por meio de nossos sentimentos, conseguirmos nos aproximar daqueles que aí viveram, ver como eles viam, sentir como eles sentiram.

Além de tudo o que é material, por trás de tudo que vive ou não, podemos encontrar uma mensagem, um perfume, um rastro de luz, um sentimento, um suspiro.

Ser humano é isto, poder ser o outro. Isto é amar. Vamos visitar o museu, percorrer o jardim. No tempo e no espaço. Percamo-nos nos labirintos de nossa fantasia, de uma memória comum a todos que sentem, que podem sentir junto com o outro, ainda que este outro não mais exista...

Em uma biblioteca, em um museu, em um jardim, se conservam o passado, o presente, o futuro. O tempo e o não-tempo. A delicadeza da percepção de Claudia Reis nos ensina a ver além do que é visível.







Fachada da casa, c. 1930

Lembras-te do jardim da tua casa? Murmura-lhe o coração. Sim, como o recordava! No lago havia uma escultura simbólica: - com as largas asas abertas, uma águia se defendia da serpente que lhe enroscava o colo e com garras poderosas, a detinha, esquivando-se ao veneno com que ela a procurava atingir.

De quem poderia ser aquela casa senão tua?

Na verdade, tal como as roseiras, aquele símbolo se ajustava à sua vida. Sol que seca os pântanos, águia que destrói as serpentes, - o Direito, a Justiça, a Lei, não exterminavam o erro, o abuso, a violência, a opressão.

Meireles, Cecília. *Pequena história de uma grande vida.*



Restauração do jardim, 1930

Com o intuito de preservar a memória de Rui Barbosa o governo federal adquiriu, em 1927, a casa da rua São Clemente na qual o jurista viveu seus últimos 28 anos. Trata-se de construção, de estilo neoclássico, erigida na parte dianteira de um terreno de 9 mil m². O jardim, entorno da casa, foi aberto ao público em 13 de agosto de 1930, junto com o museu, então inaugurado. Considerado um complemento arquitetônico e paisagístico, foi muito mais pelo espírito de preservação da época em que Rui Barbosa viveu do que por uma questão teoricamente elaborada que o jardim foi mantido na sua feição original.

O tombamento da Casa de Rui Barbosa pelo Iphan, como parte de um conjunto que incluía a casa e todo o jardim e, ainda, os anexos, aconteceu em 1938. Posteriormente, com a finalidade de proteger as estruturas do imóvel centenário, foi tombado como área não edificável o terreno vizinho, à direita da casa, hoje transformado em estacionamento da instituição.

Na década de 1980 o jardim da Casa de Rui Barbosa foi arrolado entre os jardins históricos especialmente estudados pela Fundação Pró-Memória.¹ Uma equipe de

¹ A Fundação Nacional Pró-Memória foi criada pela lei 6.757, de 17 de dezembro de 1979.

técnicos daquela instituição estudou extensamente as características arquitetônicas e botânicas do lugar, buscando recuperar ao máximo possível o aspecto original.

A visão do jardim como área componente do acervo museológico do Museu Casa de Rui Barbosa é bastante recente. Antes de meados da década de 1990, as estátuas, as luminárias e os artefatos instalados no jardim não haviam sido registrados e encarados como objetos de museu. Foi a partir da releitura do acervo, feita pelo museólogo José Manoel de Andrade Pires, que teve início o estudo mais aprofundado sobre os componentes museais daquele espaço.

Nesta publicação, o sexto volume de uma série de estudos sobre o acervo museológico da Fundação Casa de Rui Barbosa, estão as descobertas recolhidas em depoimentos e confirmadas por pesquisa e, especialmente por documentos e fotografias, que ajudam a estabelecer uma cronologia dos aspectos estruturais e paisagísticos do jardim, conforme o passar do tempo os ia redefinindo e redesenhando.

O compromisso do Museu Casa de Rui Barbosa hoje se estende além da memória de Rui Barbosa, mas parte dela para estabelecer um relacionamento com a cidade do Rio de Janeiro e seus cidadãos, com a intenção de construir um vínculo que possibilite a necessária empatia que nutre a interação entre público e acervo. Apenas os vínculos afetivos permitem ao cidadão reconhecer-se naquilo que está estudado e exposto num museu. Acreditamos estar, então, com o levantamento da história de um dos mais belos jardins de Botafogo, acrescentando elementos à compreensão desta cidade.



Enseada de Botafogo, Rio de Janeiro, 1906



Fachada da casa, c. 1927

UMA CASA PARA UM BARÃO

A casa em que Rui Barbosa passou os últimos anos de sua vida foi construída pelo barão da Lagoa, Bernardo Casemiro de Freitas, em 1850, como atesta a inscrição na fachada.

A rua São Clemente fora aberta durante o século XVII nas antigas terras do vigário-geral d. Clemente Martins de Mattos,² com a principal finalidade de ligar a enseada de Botafogo à casa da fazenda e capela de São Clemente, de sua propriedade.

Na verdade essas terras, que faziam a passagem natural de um logradouro ao outro, constituíam-se num vale entre os morros São João e Dona Marta (o nome, uma homenagem à mãe do proprietário). Foi nesse vale que o bairro de Botafogo se desenvolveu ao longo do século XVIII, a primitiva sesmaria sucessivamente subdividida em lotes cujo feitio tinha menor extensão à frente e ao fundo, mantendo sempre a longa profundidade. Assim, Botafogo começou a tomar a feição de bairro, principalmente a partir do loteamento promovido pelo conde dos Arcos, dom Marcos Noronha de Brito, na primeira metade do século XIX.

Cidadão português, comendador da Ordem de Cristo e negociante instalado no Rio de Janeiro, Bernardo Casemiro de Freitas recebeu o título de barão da Lagoa, da nobiliarquia portuguesa, em 1870. Vinte anos antes, adquirira de José Fortunato da Cunha e esposa, o terreno foreiro ao antigo proprietário do desmembramento das terras do vigário-geral, José Bernardo de Figueiredo e seus descendentes.³

Demolidas as benfeitorias que existiam, ergueu uma nova casa, concluída em 1850. Construiu-a o barão segundo a tradição portuguesa, situando o prédio na parte frontal e central do terreno. Entre a rua e a propriedade, separadas por um simples gradil, começava um jardim de desenho romântico, que se prolongava pelas

² O carioca Clemente Martins de Matos, formado em direito por Coimbra e radicado em Portugal, viu-se obrigado a, fugindo do Santo Ofício, refugiar-se em Roma, onde obteve proteção papal e foi ordenado sacerdote. Retornou ao Rio de Janeiro no cargo de provisor e vigário-geral do bispado e tesoureiro-mor da Sé. Hábil negociante, adquiriu propriedades na cidade, a principal delas a Fazenda São Clemente onde, em 1692, instalou uma fábrica de anil. Essas terras ocupavam todo o vale de Botafogo e ficavam entre as atuais ruas Marquês de Olinda e General Polidoro, indo ao fundo até a atual região do Humaitá, chegando até as margens da lagoa de Sacopenapã (Rodrigo de Freitas).

³ “Os terrenos de que estava de posse o conselheiro Figueiredo eram desmembramentos da Quinta de São Clemente, que pagava 2\$500 de foro ao todo. Os herdeiros dessa quinta desmembraram-na em diversas porções; uma dessas veio a pertencer, não se sabe se por compra ou por herança, a José Luiz da Mota, que por ela pagava o foro de 320 réis, foro que seus herdeiros pagaram até 1803. Ignora-se se José Luiz Mota teve ou não carta, sobretudo se ignora como passou de seus herdeiros a José Bernardo de Figueiredo,

que no entanto pagou foros também até 1823. Esta chácara abrangia uma testada desde as terras dos religiosos de São Bento até a esquina de São Clemente, e fundos até a vertente do morro. Consequentemente fazia também uma frente pelo lado par da rua São Clemente, desde o número 2 até o número 80, formando assim uma grande chácara. O conselheiro Figueiredo começou a cobrar laudêmio das vendas que faziam seus subenfitteutas, e porque a Câmara lhe fosse à mão, por mais de uma vez, até judicialmente, inventou que nas suas terras havia terras livres e terras foreiras [...]. Demandou com a Câmara e supõe-se que venceu [...].”

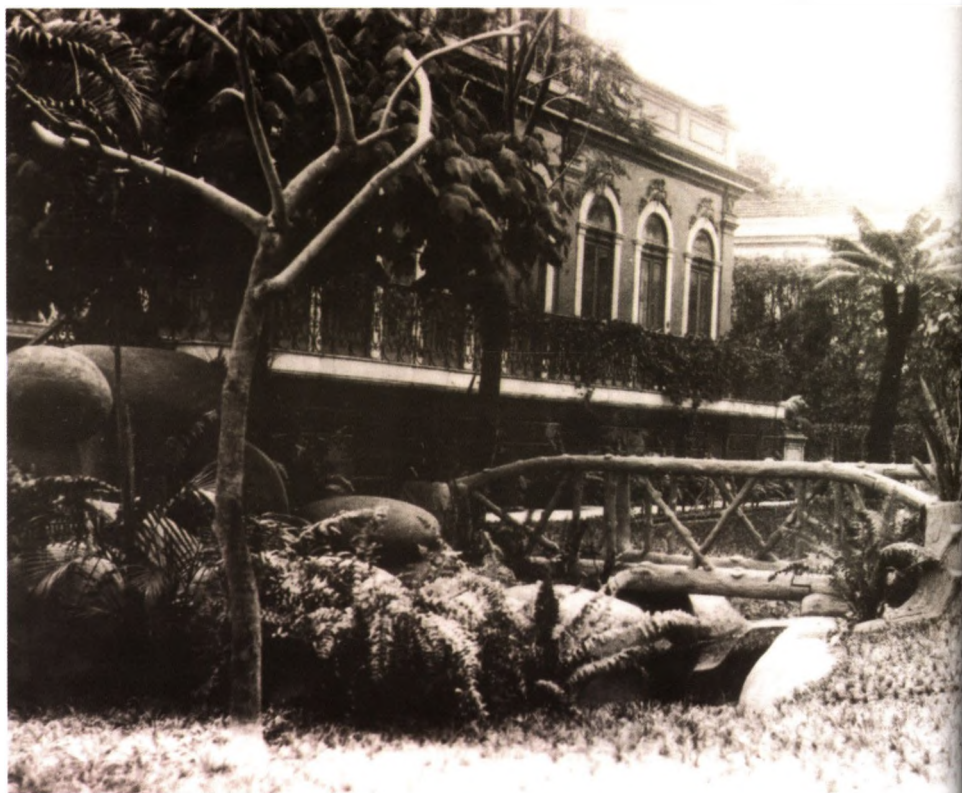
SANTOS, Noronha. *Apontamentos para o indicador do Distrito Federal*, p. 394, segundo EMETRÊS em *A Casa de Rui Barbosa: sua arquitetura e sua história*.

⁴ Em janeiro de 2007, na prospecção arqueológica que precede as escavações que visam a conservação preventiva do imóvel, foram descobertas estruturas de construções anteriores ao assentamento do jardim. Tudo indica que sejam parte das benfeitorias vendidas ao barão da Lagoa em 1849 e que foram derribadas para a construção da casa – que hoje abriga o museu – e do jardim.

alamedas laterais, com grandes canteiros, e que se estendia até o final do terreno, no limite da atual rua Assunção. À época da construção, o número do imóvel era 66.

Na parte próxima à enseada de Botafogo, a rua São Clemente está assentada em terreno de várzea, arenoso. Por ali passava, para desaguar no mar, o rio Banana Podre. Recentes prospecções levam a crer que as fundações da construção onde hoje está instalado o Museu Casa de Rui Barbosa foram firmadas sobre aterro. A documentação existente é escassa e não permite maiores esclarecimentos.⁴

Fachada da casa, c. 1930





Jardim fronteiro, c. 1930

A casa foi construída no estilo neoclássico, introduzido no Brasil por Grandjean de Montigny⁵ na sua versão mais tardia. Apresenta porém elementos estranhos ao estilo, possivelmente acrescentados nas reformas subsequentes.

Qual teria sido o aspecto do jardim ao tempo do barão da Lagoa? O seu aspecto geral, segundo os especialistas,⁶ leva à inspiração de Glaziou e a análise das diferentes escrituras de compra e venda do imóvel leva a deduzir que a configuração de traçado que hoje se vê é do tempo em que ali residiu o barão.

Glaziou⁷ chegou ao Rio de Janeiro oito anos após a construção do imóvel, a convite do imperador d. Pedro II. O aval imperial faz crer que logo seu nome se te-

⁵ *Auguste Victor Grandjean de Montigny* (Paris 1777 - Rio de Janeiro 1850). Patrono da arquitetura no Brasil, integrou a Missão Artística Francesa de 1816.

⁶ Para Carlos Fernando Delphim e Miguel Gastão da Cunha, o jardim da casa de Rui Barbosa na sua parte dianteira tem todos os elementos capazes de comprovar a autoria de Glaziou: um lago alongado em forma de rio; à esquerda, a ponte em imitação de troncos cruzando esse corpo hídrico; à direita, um grupo de pedras em rocalhas; a especificação da vegetação. Admitem eles a hipótese de que Glaziou tenha concebido somente a parte frontal do jardim. Muitas vezes ocorre que um paisagista (isto aconteceu muito com Burle Marx) faça um traçado e o proprietário se encarregue de executá-lo, mas no caso da casa de Rui os especialistas creem que a qualidade do acabamento é muito aprimorada para não ter tido o acompanhamento de Glaziou. A cada dia mais se descobrem obras de Glaziou, em propriedades privadas e jardins domésticos, muitos deles em Botafogo. De qualquer forma, falta a comprovação documental.

⁷ *Auguste François Marie Glaziou* (1833-1906). Engenheiro e paisagista francês, coordenou a Diretoria de Parques e Jardins da Casa Imperial de 1869 a 1897, se notabilizou pela



Reconstrução do jardim, c. 1930

inserção de um processo de reflexão sobre o paisagismo urbano, e pela criação de importantes praças e jardins públicos e privados.

⁸ TERRA, Carlos Gonçalves. *O jardim no Brasil do século XIX*: Glaziou revisitado.

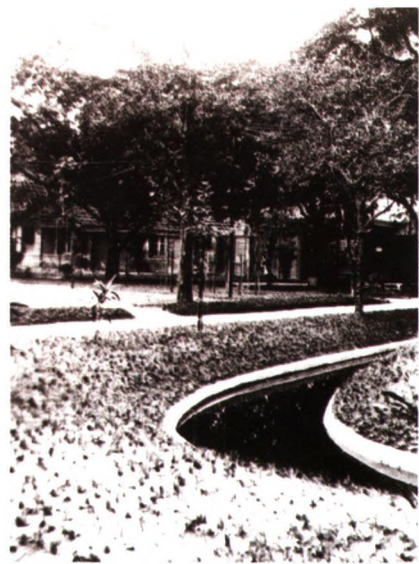
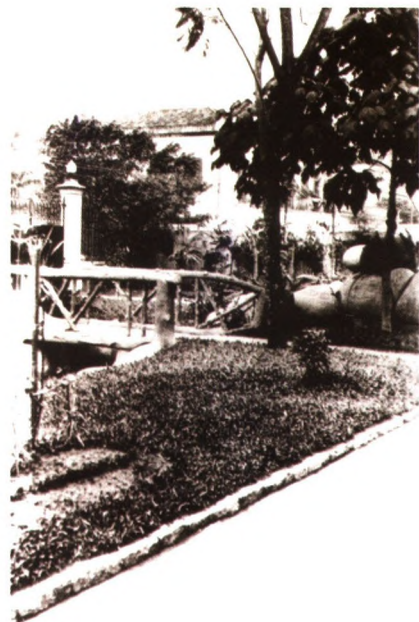
na transformada num modismo na cidade. Segundo o estudioso Carlos Terra,⁸ o paisagista francês foi responsável por jardins que permaneceram, como o da Quinta da Boa Vista e o Campo de Santana, bem como pela reforma do Passeio Público. São atribuídos a ele outros jardins, como o do Palácio Imperial de Petrópolis, hoje transformado em museu, e o palacete dos barões de Nova Friburgo, atual Museu da República, entre tantos jardins privados.

Em 1879, assistido por seu genro, Antônio Maria do Amaral, segundo barão da Lagoa, Bernardo Casemiro de Freitas vendeu o imóvel para o comendador Albino de Oliveira Guimarães. Na escritura de compra e venda, assim aparece descrito o terreno que circundava a casa: “O terreno consta de jardim, horta e pomar, grande parreiral sobre vergalhões e barras de ferro, vasos, figuras, bancos de jardim, etc.”

A descrição não se afasta muito do aspecto geral do jardim hoje. Para o leigo, que desconhece estilos e a história do paisagismo, o jardim apresenta-se com traçado retilíneo e simétrico, tendo na parte da frente canteiros e lago sinuosos. Existem caramanchões, portais em metal, pontes sobre lagos artificiais, arranjos de pedras feitas de concreto – as chamadas rocalhas. A distribuição desses elementos paisagísticos torna o jardim acolhedor e lhe dá um movimento que faz contraponto com a simetria da construção. Árvores frutíferas e não frutíferas misturam-se esparsas pelos canteiros. É relevante um recuo no tempo para que melhor se compreenda a ocupação do espaço onde está construída a Casa de Rui Barbosa.

Em *Viagem pitoresca através do Brasil*, publicado em Paris em 1835, disse da região Johann Moritz Rugendas:

Seria entretanto ousado afirmar que o Catete e Botafogo pertencem à cidade, pois as ruas são ali interrompidas constantemente por jardins e até por



Detalhes da reconstrução do jardim, c. 1930

⁹ LANGSDORFF, E. de. *Diário da baronesa E. de Langsdorff relatando sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento do príncipe de Joinville: 1842-1843*.

¹⁰ A litografia de *Iluchar Desmons* gravada por *Eugene Ciceri* (Oficina Lemercier, Paris), consta como a de número 12 numa série de 13 vistas panorâmicas do Rio de Janeiro, datadas de 1854, no catálogo da exposição da História do Brasil, seção literária, volume 2, da Biblioteca Nacional. Acervo dos Museus Castro Maya.

plantações. Os vales que descem em direção à costa também se ligam à cidade através de inúmeras chácaras e jardins.

Entre 1842 e 1843, a baronesa E. Langsdorff ocupou, durante curta estadia no Rio de Janeiro, uma chácara nas imediações da Glória, que a baronesa de Sorocaba havia pouco tempo construíra. A descrição que faz da casa e dos arredores nos coloca no ambiente em que, poucos anos depois, e à pouca distância, o barão da Lagoa faria erigir a sua residência.

A casa me agrada bastante. Temos um parque muito grande, a que se chama aqui de chácara. A casa é alta, diz-se que é fresca e sadia; recebe a brisa do mar, numa parte do dia, e na outra, a da terra, e, como nossa varanda, além de possuir seis amplas janelas em toda a extensão, tem dois pequenos balcões na extremidades, nenhuma aragem nos escapa. [...] Há, abaixo da varanda, um lindo jardim onde se encerram flores da Europa, um bosquezinho de jasmim roseirais e alguns pés de café.⁹

Nota-se que na descrição que faz do imóvel a baronesa dá importância à boa aeração e à existência de um jardim. Também contemporânea da construção da casa do barão, uma litografia de *Iluchar Desmons*¹⁰ mostra a rua São Clemente vista da rua Real Grandeza; nela percebe-se bem a ocupação do logradouro e sua divisão em terrenos grandes e simétricos.

Iconografia e textos de época nos apresentam o bairro como região de casas grandes, todas dotadas de amplos jardins, aspecto de fachada em cores que tendiam para o amarelo e o ocre. Esse painel indica que a construção, pertencente a um rico comerciante, detentor de um título de nobreza, destacava-se pela imponência. A posição social do proprietário pode ser a razão da feição do paisagismo executado no jardim. Vale registrar que nesse período era a aristocracia que residia nesse pedaço da rua São Clemente: no número 5, o barão de Azevedo; no 24, o conde de Itaguaí; no 106, o barão de Vista Alegre; e no 146, o barão de Oliveira Castro.



O comendador Albino Guimarães, segundo proprietário, vendeu o imóvel em 1890 para o inglês John Roscoe Allen, por meio de um procurador, pois já se transferira de volta para Portugal. Três anos depois, o comerciante inglês passou o imóvel para Rui Barbosa por 130 contos de réis.¹¹ A casa, então já antiga, sofreu reformas, pouco conhecidas, uma vez que não restou documentação a respeito das intervenções executadas. Familiares de Rui ficaram encarregados dessas intervenções enquanto a família estava exilada em Londres. Antônio Jannuzzi,¹² conhecido construtor de origem italiana, foi encarregado pelo casal Rui Barbosa da execução desses melhoramentos, sobre os quais não há registro. Certo é que foi nessa ocasião que a casa recebeu o nome de Vila Maria Augusta, homenagem à esposa de Rui Barbosa, inspiradora da aquisição.

¹¹ A compra da casa geraria uma série de questionamentos por parte dos inimigos de Rui. A obra de Rejane Mendes de Almeida Magalhães, *Rui na Vila Maria Augusta*, é bastante esclarecedora para a compreensão da operação financeira levada a cabo para que o negócio fosse bem-sucedido.

¹² Antonio Jannuzzi nasceu na Calábria, Itália. Chegou ao Brasil por volta de 1874 e aqui abriu uma firma de construção com o irmão José, Antonio Jannuzzi & Irmão. Teve uma longa e próspera carreira de construtor e projetista. Dentre as obras realizadas, em sua maioria já destruídas, destacam-se o plano inclinado de Santa Teresa, a abertura da avenida Central – atual Rio Branco –, o seu obelisco e a maioria de seus prédios, inclusive do número 144, onde funcionava o escritório da sua firma, e o do prédio das Docas de Santos. Jannuzzi foi responsável, também, pelas obras da residência do conde Modesto Leal da rua das Laranjeiras; das igrejas metodistas da praça José de Alencar, no Rio de Janeiro e da de Petrópolis; e de diversos prédios, nas cidades do Rio de Janeiro, Petrópolis e Nova Friburgo.



O JARDIM DA VILA MARIA AUGUSTA

O cunhado de Rui Barbosa, Carlos Viana Bandeira, publicou pela Casa de Rui Barbosa, em 1961, *Lado a lado de Rui*, uma biografia carinhosa. A partir dessa obra, os depoimentos de parentes e frequentadores da casa passaram a ser encarados como fontes de informação. Assim sendo, o Museu criou, em 1975, um projeto ao qual chamou Memória de Rui e que visava à recolha dessas narrativas, muitas vezes confirmadas por meio do confronto com documentos textuais e iconográficos e pela leitura da correspondência de Rui Barbosa; nela está clara a sua preocupação com a compra de mudas, com o transplante de espécies. Fotografias mostram as etapas do uso do jardim, as plantas arquitetônicas ajudam à compreensão das intervenções ocorridas.

Na biblioteca de Rui, Sonia Alves Ferreira observou a significativa quantidade de livros relacionados a jardinagem, botânica e temas afins, indicativo de um interesse que ultrapassava a mera curiosidade. Para a sua monografia,¹³ a autora compôs o quadro ao lado, após ter consultado os catálogos da biblioteca de Rui Barbosa.

O transcorrer de 28 anos gera muita recordação e, naturalmente, divide-se em diferentes fases. Mas a memória ocorre pela superposição de imagens, como numa radiografia, como disse Pedro Nava; são diversas camadas que mostram ao final uma mesma imagem. Nesse caso a de uma família harmoniosa, tranquila, reservada e, acima de tudo, inserida no seu tempo – passagem do século XIX para o XX. Rejane de Almeida Magalhães descreveu essa harmonia doméstica em *Rui na Vila Maria Augusta*. É para compreendê-la que recorreremos à ótica dos filhos, netos, vizinhos e empregados, descortinando um cotidiano em tudo semelhante a outros desta cidade ou mesmo deste país. É por essa identidade, por esse passado comum que ocorre a

Botânica	37 livros
Floricultura	8 livros
Jardinagem	2 livros
Natureza	20 livros
Plantação	91 livros
Pragas	9 livros
Silvicultura	12 livros

¹³ FERREIRA, Sonia Alves. *Os jardins do Águia*.

¹⁴ Depoimento de Maria Luiza Vitória Rui Barbosa Guerra, de Ana de Lourdes e de Stella Batista Pereira, respectivamente em 10.4.1975 e 23.8.1994.

¹⁵ Na biblioteca de Rui Barbosa, entre livros de jardinagem e botânica, estão dois catálogos de flores com diversas anotações: um catálogo de rosas e um catálogo de cravos.

Reconstrução do jardim, c. 1930



identificação do usuário da informação com aquilo que foi aqui vivido. As lembranças da família evocam lembranças pessoais. Os depoimentos permitiram o levantamento dos aspectos que constroem a memória intangível. Pois uma das funções das instituições de memória é essa, a de ativar a reflexão sobre o passado, como forma de compreensão do presente e construção do futuro – não apenas da nação, mas da sociedade e do indivíduo. A função do museu, de seus estudos é o enriquecimento do indivíduo.

Com relação à reconstituição do espaço físico do jardim, interessa comparar os diversos depoimentos que abordam o tema. Uma das constantes neles encontradas foi a abertura de uma rua no terreno original da casa. Tentando criar uma ligação entre as ruas São Clemente e Assunção, a prefeitura do Rio de Janeiro chegou a destruir toda a área esquerda do terreno original do jardim. O estrago foi documentado por fotografias publicadas em 1927 pela revista *Ilustração Brasileira*.

Existe uma versão de que a abertura da rua valorizaria os terrenos contíguos, e outra de que foi o pouco caso do presidente Arthur Bernardes, que permitiu a desapropriação daquela parte do terreno. O fato é que a intervenção do presidente da República eleito em 1926, Washington Luís Pereira de Souza, impediu o prosseguimento do projeto insano. O Museu Casa de Rui Barbosa foi inaugurado em 13 de agosto de 1930 com a sua área original reconstituída.

A desapropriação do terreno provocou a derrubada de uma série de árvores, entre elas um “grande *flamboyant* plantado atrás do quiosque, um pé de acácia imperial que florescia em novembro e dezembro, uma braúnea, também chamada sol-do-peru e um olho-de-boi”. Mas a perda principal foi “a do lindo ficus que deitava sobre o lago.”¹⁴

Com relação ao restante do jardim, ficamos sabendo pelos depoimentos que, na entrada da casa, à direita, havia um canteiro de cravos.¹⁵ Nele ficavam duas luminárias em formato de mulher. Foram vendidas no leilão de 1924. Segundo a neta do caso Rui Barbosa, Lucila Batista Pereira, as estátuas ficavam a cerca de dez metros do portão principal, e a primeira 1,5 m distante da segunda.



Alameda da entrada vista do arco

Maria Luiza Vitória, apelidada “Baby”, e João foram as primeiras crianças da família Rui Barbosa a morar na casa da São Clemente. A caçula do casal Rui Barbosa veio ainda bebê, trazida da Inglaterra nos braços da *nurse*. João, seis anos mais velho que ela, aparece numa fotografia, dentro de um barquinho, cenário de fotógrafo, provavelmente inglês. “Baby” lembrava de ter possuído um barquinho que usava para passear nos lagos, e que o irmão, certa vez, virando o barco, a derrubou na água.



Maria Augusta Barbosa Brooking,
neta de Rui Barbosa, c. 1918

¹⁶ Maria Adélia e Antonio Batista Pereira, filha mais velha e genro do casal Rui Barbosa, residiram na casa, ocupando, com seus filhos, o sobrado da construção.

¹⁷ Em 1918 comemorou-se o cinquentenário do primeiro discurso de Rui Barbosa, proferido em 1868, uma homenagem a José Bonifácio, o Moço.

A memória nos prega peças, pois superpõe imagens e lembranças, e em Baby era a memória mais recente, da época mais próxima da morte de Rui, que prevalecia. Os netos de Rui e Maria Augusta, principalmente os filhos do casal Batista Pereira,¹⁶ passaram a infância na casa: aqui nasceram e viveram até a morte de Rui. São eles que aparecem na fotografia feita na águia que fica no jardim da frente da casa. Lucila e Stela Batista Pereira recordaram o dia em que foram chamadas a se vestir e pentear para que as imagens fossem feitas. Serviriam para ilustrar uma reportagem sobre Rui Barbosa, à época do seu Jubileu Cívico.¹⁷ As crianças aparecem bem vestidas, penteadas, em indumentária incompatível com o relato das brincadeiras no jardim. Pois subiam em árvores, caíam nos lagos, perdiam-se pelo jardim - as empregadas tinham que ir atrás delas, chamando pelo nome à hora da refeição, do banho, do estudo. Naturalmente esse convívio ocorria nas férias escolares, já que todos estudaram em colégio interno, após os primeiros cinco anos de vida, que passavam com as *nurses*. Rui preocupava-se com a escolha do estabelecimento de ensino adequado aos filhos. Alfredo estudou na Suíça e João em Friburgo, no Colégio Anchieta. As filhas em colégios de freiras, no Rio de Janeiro. Assim aconteceu também com as crianças Batista Pereira.

Nas férias escolares, os primos juntavam-se aos filhos de Dedélia e Batista Pereira, e vinham ainda crianças amigas, em especial as meninas da família Steel, contemporâneas das filhas de Maria Adélia e Batista Pereira. Lucila se vangloriava por ter ensinado as amigas Edila Mangabeira e Regina Simões a subir nas árvores.

Nos lagos, os netos de Rui apostavam corrida com barquinhos feitos de folha de palmeira, que eram postos no fluxo que a queda d'água artificial criava. Como toda brincadeira infantil, muitas vezes as corridas de barquinhos acabavam em briga. João Rui, filho de João, apelidado "Boy", e sua prima Lucila, caçula dos Batista Pereira, tinham idades aproximadas e disputavam a liderança do grupo, os dois dotados de forte personalidade. Brincadeiras de criança num espaço físico de liberdade e convívio com a natureza, que já não existe mais no ambiente urbano. A recordação vem

sempre associada a alguma coisa mais marcante, como a morte do franguinho Le-ghorne, cego de um olho e por isso chamado Camões, que caiu, quando posto pelas crianças a equilibrar-se na corda do secador de roupas.

Mas o convívio com a vizinhança era relativamente restrito. Com as crianças da rua Assunção os netos de Rui não se relacionavam, pois se dizia que elas tinham pio-lhos. A questão retrata a diferenciação social entre as regiões do próprio bairro. Casas aristocráticas na São Clemente, cortiços e casas de operários aos fundos.¹⁸

No verão eram os banhos de chuveiro no quiosque. Quem mais os apreciava era João, que em solteiro morava no rés do chão, no aposento que chamava de *Chateau Misère*, já que preferia ter uma tolerância maior no horário para o regresso ao lar, quando a família há muito já dormia. Uma fotografia mostra João ainda adolescente, tocando violão, sentado em um dos bancos do jardim.

¹⁸ As irmãs Odete e Lídia Parreira, em depoimento datado de 13 de agosto de 1985, relataram sua infância no estábulo de propriedade do pai, construído em frente à casa de Rui Barbosa, uma infância de fazenda, o convívio com animais, brincadeiras na rua, descalços – uma infância em tudo mais livre do que a das crianças Rui Barbosa. O estábulo era, provavelmente, o fornecedor do leite consumido pela família Rui Barbosa.

As crianças Batista Pereira, netos de Rui Barbosa, 1918



¹⁹ Nas festas, em especial no aniversário de Maria Augusta e na comemoração do casamento do casal, a casa se enchia de flores, compradas às braçadas e retiradas do jardim. Incumbia-se disso o próprio Rui (FERREIRA, Sonia Alves. *Os jardins do Águia*).

Só quando João entrava é que o jardineiro de plantão soltava os dois mastins que faziam a guarda da casa. Estava sempre um dos três jardineiros, fazendo às vezes de vigia à noite. Os mastins eram duas verdadeiras feras, e as crianças tinham medo de se aproximar deles, impressionadas com a enorme quantidade de comida, vinda da casa de pasto em frente, que devoravam. Também os gansos, que faziam enorme barulho, no galinheiro, eram excelentes guardiões.

Além dos mastins, viveu com a família o cachorrinho Collie de Baby, chamado Joy. Baby, já adulta, tinha ainda uma criação de pintinhos da raça Leghorne.

As crianças passavam longe da bomba d'água, alertadas pelo fato de que João, brincando com ela, perdera a falange de um dos dedos. Do picadeiro, ao fundo do jardim, rodeado de cerca viva, apenas a travessa Lucila lembra. Ali ficavam e eram treinados os animais de tração. Ao lado ficava a estufa, presente de Rui para Maria Augusta, guardando as avencas, samambaias e orquídeas, quando estas não estavam decorando o interior da residência.¹⁹ As irmãs Stela e Lucila Batista Pereira lembraram que era linda, feita de vidro fosco. Foi desmontada quando se vendeu a casa e entregue a uma amiga de Maria Augusta, que a armou no seu jardim.

A casa tinha ao fundo horta e canteiros, que Maria Augusta distribuía aos netos para que cada um fizesse seu próprio plantio de hortaliças.

Havia na casa algumas mesinhas de vime, geralmente usadas na varanda da sala de jantar para o chá, mas por vezes espalhadas pelo jardim. Entre as mangueiras, que à época formavam duas alas, havia mesas rústicas, feitas de troncos de árvores serrados. As festas e piqueniques no jardim eram frequentes. E havia os *garden parties* tão em voga naquele tempo. Eram realizados à noite com as árvores iluminadas. Baby lembrou que a iluminação do jardim era a gás acetileno, como nas ruas. Mas para a recepção organizada quando do retorno de Rui da Conferência de Haia, em 1907, Alexandre MacKenzie, presidente da Light, companhia responsável pela instalação da iluminação elétrica na cidade, providenciou uma iluminação elétrica provisória para o jardim.

Com base nos relatos e memória, podemos reconstituir o uso do jardim. Na ala direita da Casa, a partir do arco ficavam, no térreo, o escritório de Batista Pereira e o quarto de João, o quarto da governanta Emília, o refeitório dos empregados e, com acesso por uma porta mais larga, um cômodo onde ficavam os veículos de tração animal. Esse aposento, que ficava sob a cozinha, teve sua fachada modificada, e a porta diminuída. A garagem atual era usada como abrigo para os animais de tração. Ficava entre o quarto do cocheiro Luciano, elevado à categoria de motorista quando da aquisição do automóvel Benz, em 1915, e o quarto dos jardineiros. Em seguida vinham o galinheiro e o canil – onde ficavam os dois mastins. No forno, o aposento contíguo, eram assados os leitões, perus e frangos. O pão, só em ocasiões especiais, já que o pão de todo dia era adquirido no comércio local. Após o forno ficava, por trás de uma grade de ferro dotada de pequeno portão, a criação de pintinhos leghorne de “Baby”.²⁰ A seguir, onde hoje está o laboratório de microfilmagem da Fundação, ficava a estufa; depois dela, bem ao fundo, o picadeiro. No fim do terreno havia uma amendoeira e um portãozinho, que abria para a rua Assunção. A roupa era posta a corar e secar no gramado diante da garagem. Não existia o laguinho oval, construído em 1930, mas o redondo, cercado de pés de sagu e chamado Oásis é da época dos Rui Barbosa.

²⁰ Essa parte do muro foi derrubada para o estabelecimento de uma ligação entre o edifício-sede da FCRB e o seu estacionamento; as grades e o portão foram transferidas para a reserva técnica.



Fachada da casa, 1911

O AMOR PELA NATUREZA

Árvores há, de boa semente, boa terra e bons ares, que se criaram para encantar os olhos com a formosura da sua grandeza e proteger as criaturas com o benefício do seu abrigo.

Rui Barbosa na conferência “A justiça”, 1913.

J. Soares Melo. *História da Oração aos moços.*

Onde começa na biografia de Rui Barbosa, o interesse pelas flores, pela jardinagem, o gosto pelos jardins?

A casa da sua infância, no centro de Salvador, hoje também transformada em museu, não possui um jardim expressivo. É certo que em algum momento, na infância ou juventude, consequência do interesse enciclopédico que tinha por tudo o que punha os olhos ou da sensibilidade e gentileza do seu caráter, Rui interessou-se pelo cultivo de jardins e em especial pelo cultivo de roseiras.

As biografias de Rui são, na sua maior parte, fundadas em profunda admiração ou antipatia. Algumas, como a escrita por Carlos Vianna Bandeira, ultrapassam a admiração e chegam a uma tentativa de reescrever uma vida apenas por seus aspectos amenos e positivos – o que naturalmente não é possível. No entanto, a biografia de Rui por seu cunhado tem o valor do depoimento daquele que conviveu “lado a lado”, no seio da família, por muitos anos. Portanto, é em Carlos Vianna Bandeira que podemos perceber quando e como teve início na vida de Rui Barbosa esse gosto pelo jardim e pela jardinagem. Primeiro como *hobby*, como atividade manual que aliviava as tensões da vida intelectual e política. Depois como preocupação constante, porém não mais cotidiana. A participação pessoal e direta de Rui na construção de seus jardins nos mostra um tempo e espaço que foram sendo lentamente usurpados pelos compromissos do árduo e necessário trabalho intelectual. *Abundantius illis omnibus laboravi.*²¹

²¹ *Trabalhei mais do que todos*, em tradução livre. Em discurso pronunciado na Biblioteca Nacional em 12 de julho de 1918, Rui Barbosa disse que escolheria como símbolo de sua passagem pela terra a frase de Paulo na primeira epístola aos coríntios. Por portaria presidencial de 13 de agosto de 1968 ela foi adotada como lema e parte do logotipo da FCRB.

Carlos Terra conta que o jardineiro amador é um produto do século XIX, assim como o colecionismo de espécies, principalmente das raras, o aparecimento de espécies híbridas e a construção de estufas. A rosa foi a flor do século assim como o plantio dos roseirais.

A gênese do amor pela natureza e pelas plantas em Rui Barbosa importa pelo peso que teve na história deste jardim que agora estudamos. Então, é segundo o relato de Carlos Viana Bandeira que descobrimos que “Rui era louco pelas flores”. Foi na casa da rua do Resende, seu primeiro endereço no Rio, que Rui dedicou mais tempo à jardinagem, sempre acompanhado do cunhado Carlito. Todo sábado, as sete da manhã seguiam para a floricultura do Fonseca, à rua do Riachuelo, onde encomendavam terra, mudas, novas espécies de rosas, sempre entregues em carrinho de mão. O próprio Rui, usando podão, cortava hastes secas, ajeitava galhos para dar às plantas feição estética à medida em que iam crescendo. E era adubar canteiros, revolver a terra e regar. Uma preocupação não era esquecida: anotar-lhes os nomes “para catalogá-las e posteriormente tentar enxertos”. No pé de cada planta, Rui colocava então uma pequena tabuleta branca onde escrevia a lápis o nome da variedade. Além de fornecer os materiais, era o comerciante Fonseca quem dava tais orientações. Era um jardim que despertava elogios, com roseiras às centenas. Rui lastimava colhê-las para ornamentar a casa, pois pensava no ecossistema – apesar da palavra não estar ainda na moda, pensava nas abelhas e insetos. Mas os pessegueiros tinham seus frutos envolvidos, enquanto verdes, em pequenos sacos feitos por dona Adelaide, sogra de Rui, para protegê-los dos pássaros.

As frequentes enchentes na rua do Resende fizeram com que a família se mudasse para a praia do Flamengo. Nessa casa, contam os familiares que Rui chegou a ter mais de 300 espécies de rosas em seu jardim, a maioria transplantada para a casa de São Clemente entre 1893 e 1895.

Em carta a Salvador de Mendonça, datada de 1913, Rui Barbosa elogiava suas perfumadas rosas e se dizia antigo roseirista, vocação que lhe deixara saudade. Parece que na velhice a antiga atividade foi recuperada, pois os netos, em especial os filhos



Adoridar as flores do seu jardim, à luz branda e suave da manhã, tocando-as levemente e aspirando o seu perfume. Já era um dos velhos hábitos do mestre, quer do vivo, já não vive. Mal surgia a aurora e já elle se encontrava entre as suas predilectas amiguinhas, a cuidar do seu desenvolvimento, cortando-lhes, elle próprio, as palmas e folhas excessivas. Nas gravuras desta pagina vemos-o, satisfeito e pacientemente, nessa sua favorita occupação matinal de todos os dias.



Rui Barbosa no jardim





Pé de lichia

²² Depoimento de Antônio Ventura ao projeto Memória de Rui em 25 de maio de 1975.

de Maria Adélia e Batista Pereira, lembram do avô “já velhinho” percorrendo o parque e, examinando cada roseira e podando, tendo sempre Maria Augusta ao seu lado. Em seu depoimento à Casa de Rui Barbosa, o antigo empregado Antonio Ventura²² contou que as roseiras, em grande quantidade, misturavam-se ao parreiral. É o que se vê nas fotos de Rui, percorrendo o jardim de pijamas.

O pé de lichia foi plantado por Rui no meio do terreno em 1895, e àquela época ficava cercado de junquinhos. Rui plantou também, na frente da casa, uma tamareira. Havia muitas outras árvores frutíferas: nêspera, abiu, sapoti, jambo, goiaba, carambola, pitanga, abacate, condessa e uma diversidade de cocos. Havia bancos espalhados pelos caminhos, em maior número do que os que se veem hoje.

JARDIM DE MUSEU

Compusera, sem o saber, um maravilhoso poema onde cada plantinha era um verso que só ele conhecia, verso vivo, risonho, ao reflorir anual da primavera, desmanchado e sofredor quando junho sibilava no ar os látegos do frio. O jardim tornara-se a memória viva da casa.

Monteiro Lobato. O jardineiro Timóteo, p. 41.

Até 1923 o jardim da casa compunha o universo cotidiano da última família que aqui residiu. Em 1930, sofreu uma grande restauração para se adaptar à função de jardim público, chamada de “reconstrução” pelo engenheiro responsável, Vittorio Miglietta. Em relatório datado de 30 de junho de 1930, e endereçado ao ministro da Justiça, Viana do Castelo, as etapas da dita reconstrução são descritas, infelizmente de forma não muito pormenorizada. O relatório, datilografado em papel de seda, foi encadernado, e a sua capa confeccionada com o couro de uma cobra encontrada no jardim abandonado.²³ Parece que o próprio ministro, que indicara o nome de Miglietta para a tarefa, acompanhou “pessoal e diariamente, com rara dedicação a execução dos serviços”, completados em 25 dias. A data indicada inicialmente para a inauguração do Museu e seu jardim foi o 7 de setembro, depois antecipada para 13 de agosto.²⁴

É impossível não interromper este relato para refletir sobre o sentido da memória construída nos moldes dos anos 1930 no Brasil. O agendamento da inauguração para o dia em que se comemora a maior data cívica nacional, e a sua posterior antecipação para a data que marca o início da trajetória literária e política de Rui Barbosa, indicam a preocupação estatal em vincular o ato de inauguração à memória da nação. Citando a colega Aparecida Marina Rangel,²⁵ “o que sobrevive em termos de patrimônio não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada pelas forças que

²³ “[...] uma cobra de dois metros e oitenta centímetros de comprimento, com cuja pele será encadernado este relatório.” MIGLIETTA, Vitório, “Relatório”, p. 3.

²⁴ A 13 de agosto de 1868, participando de uma homenagem a José Bonifácio o Moço, Rui Barbosa proferiu seu primeiro discurso cívico.

²⁵ RANGEL, Aparecida Marina de Souza, *Arqueologia do patrimônio: memória e poder na década de 30*.



operam no desenvolvimento temporal do mundo – entre elas os detentores do poder”. Mesmo que pensemos que a inauguração da Casa de Rui Barbosa se dá em data anterior ao famoso decreto-lei 25 de 30 de novembro de 1937, que organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional nos moldes descritos, que vinculam memória e poder, verificamos que tais ideias já estavam no ar, como sempre aconteceu. Ideias que inspirariam toda a década de 1930 num projeto de nação empreendido pelo governo Vargas, o mesmo que depôs Washington Luís no dia 24 de outubro de 1930, pouco mais de dois meses depois da inauguração deste Museu.

Nascido em Macaé, mas vinculado à política do estado de São Paulo, Washington Luís fora correligionário de Rui Barbosa desde a campanha presidencial de 1910. Esta uma razão relevante para a compreensão do empenho na concretização da ideia de perpetuação da memória de Rui. Foi mesmo o interesse de Washington Luís que possibilitou a transformação do espaço privado em que Rui Barbosa vivera por 28 anos num espaço público, naquele momento vinculado tão somente à perpetuação da memória do patrono.

O envolvimento afetivo de Washington Luís com este espaço, com esta casa e este jardim, se deu pelo plantio de uma muda de pau-brasil justo no limite da área recém-readquirida pelo governo. O ato cívico gerou acervo para o Museu: a pá então usada para encher a cova onde a muda de pau-brasil foi plantada com terra trazida de Piraju, na Bahia; um frasco de cristal contendo água do rio São Francisco usada para regá-lo; o próprio álbum contendo o relatório de Miglietta, com sua capa de pele de cobra decorada pela fachada do novo museu, em pirogravura. Acrescentemos a essa pequena coleção os retratos a óleo de Washington Luís Pereira de Souza, portando a faixa presidencial e o do ministro Viana do Castelo, testemunhos da inauguração. Assim podemos compreender como os objetos contam história e porque é importante que sejam lidos em conjunto.

Voltemos então ao relatório e às intervenções feitas durante o que Miglietta chama de reconstrução do jardim, trabalho realizado em 25 dias, e que foi, na verdade, a preparação da casa e do jardim para a sua inauguração. Assim, além dos trabalhos



específicos que nos interessam, incluem-se nessa reconstrução a confecção de placas – a inaugural e as plaquetas que dão nome às salas –, a compra de um letreiro luminoso para a fachada, a pintura da fachada, e a compra de um estrado para a cama de Rui (provavelmente para substituir o original pois, por relato dos filhos e netos, sabemos que a cama do casal sempre esteve sobre um estrado).

No jardim “fez-se um aterro geral do terreno que a prefeitura rebaixara em quase um metro” – na já citada ala esquerda. Os canteiros foram reconstruídos com terra de jardim e adubados (não há qualquer menção ao tipo de adubo usado). Foram “replantadas mais de 2000 plantas”.

“As ruas foram reconstruídas parte *em concreto*, parte em pedra e parte em saibro.” Seriam as partes em concreto citadas justamente as da alameda de entrada e parte fronteira do imóvel? Porque ao tempo de Rui Barbosa a primeira fábrica de asfalto nacional fez ali instalar um capeamento asfáltico, presente para Rui Barbosa, como se comprova pelo documento guardado no arquivo desta Fundação. A parte em concreto teria sido uma restauração dessa camada? Até que ponto estava a camada original deteriorada?

“Foram reconstruídas duas *vascas* – uma oval e outra circular –, pontes e dois lagos *com cascatas*.” Para os lagos e vascas foi feita a instalação completa de água – destinada à irrigação e aos demais serviços.

Os grandes bancos de granito, junto ao pé de lichia e ao fundo do jardim, são na verdade os dois pilares originais que seguravam o portão de ferro, arrancado para abertura da rua, que Miglietta fez substituir.

A menção às cascatas restabelecidas remete ao paisagismo original à Glaziou, redescoberto por Carlos Fernando Delphim. Pois o sentido original do jardim estava perdido, já que densa vegetação cobrindo a rocalha ocultava a sua função original – de simular uma cascata. O relatório confirma a sua existência e a sua reconstrução e elucida o fluxo da água, que não compreendíamos, nos relatos dos netos de Rui.

Outros concertos foram feitos na ocasião, como por exemplo, os gradis, cercaduras de canteiros, a rede elétrica, que foi ampliada, inclusive em potência. Foram instalados além do letreiro luminoso, globos nas entradas principais e refletores no portão dos fundos. Preocupações justificadas pelo caráter público que o jardim passava a ter.

O relatório menciona a compra de dois candelabros de ferro batido de estilo florentino um “em viagem”. A fotografia da alameda de entrada mostra apenas um candelabro instalado, na extremidade do jardim lateral direito. Parece que o seu par “em viagem” em 1930 jamais chegou à Casa. O acervo do museu dispõe apenas deste exemplar, que por anos ficou em reserva e em 1998 foi reinstalado no jardim. No lugar das duas figuras femininas do tempo de Rui, vendidas no leilão de 1924, está hoje um outro par de luminárias em ferro, que segundo informação oral teriam vindo da residência da família Guinle, na própria rua São Clemente. Desconhece-se em que período, pois pelo relatório de 1930 era o par de candelabros de estilo florentino que se pretendia instalar ali.

A leitura do relatório torna claro o empenho do engenheiro Miglietta em demonstrar presteza e eficiência. Numa das fotografias, ele aparece ao lado da obra acabada. Outras mostram-no fazendo inspeção às obras, acompanhado provavelmente do ministro Viana do Castelo. As fotografias são outra fonte de informação. Por meio delas identificamos espaços, objetos, espécies e trabalhos efetivamente realizados. Vemos que não foi nessa ocasião que o traçado básico da bandeira nacional foi transposto para a ala esquerda do jardim. Aquele traçado, provavelmente presente quando das comemorações do centenário de nascimento de Rui Barbosa – em 1949 –, e hoje desfeito, alterava o desenho e o uso original do jardim, violentando a ideia de jardim histórico. Também alterava essa ideia o plantio de um canteiro de “dálías Rui Barbosa”. As espécies, cor de sangue, receberam esse nome da Sociedade Holandesa de Horticultura em 1949, como homenagem pela dedicação de Rui à jardinagem e por esse motivo foi criado um canteiro com essas espécies, hoje já desfeito.



Dália Rui Barbosa. Foto c. 1949

Jardim fronteiro, c. 1930



Nem mesmo os dois vasos de mármore que estão naquela parte do jardim aparecem nas fotografias do tempo de Rui. Quando terão sido incorporados àquele canto meio escondido e de onde vieram? Dos quatro outros vasos idênticos, dispostos na parte da frente da casa, sabemos a origem. Foram doados ao Museu por d. Helena de Melo, enteada de João Rui, filho do casal Rui Barbosa. Fotografias mostram que pertenciam ao jardim no tempo de Rui.

“Foi consertada a águia”, diz Miglietta, referindo-se à escultura em concreto, uma águia dominando uma serpente de cuja boca aberta sai um esguicho de água, que está ao centro do gramado à frente da casa, e provavelmente lá estava desde que um paisagista elaborou o traçado do jardim. Pois o esguicho alto e curvo está em harmonia com o simulacro de riacho e cascatas, a presença do elemento água no cenário.

Percebe-se pelas fotografias do relatório a ausência da herma de Rui, em mármore. Na verdade, a peça escultórica de autoria do português Rodolfo Pinto do Couto va

para o jardim do Museu seis anos depois da sua inauguração, presente do estado da Bahia por intermédio de seu interventor, Juracy Magalhães. A presença da peça insere o mais ilustre dono do imóvel no seu local de memória, enquanto quebra a rigidez do perfil original, do jardim onde Rui Barbosa andou, plantou mudas e viveu.

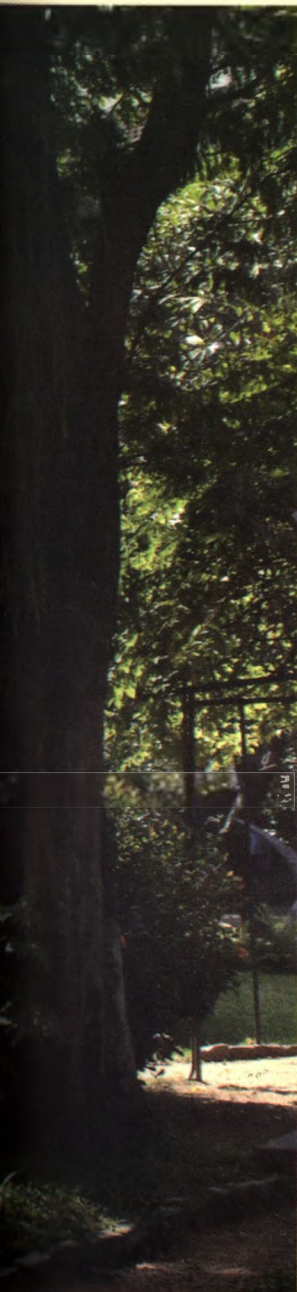
Outro elemento pouco conhecido nesse jardim é o quiosque, na verdade um aposento para banho, construído dentro de um lago circular dotado de rocalha, originalmente com cascata. Os quiosques são construções frequentemente encontradas nos jardins do século XIX. Eram muitas vezes adquiridos desmontados. Seu uso variava, desde coreto para música, nos jardins públicos, a local para deleite da paisagem e fruição da tranquilidade sempre encontrada nos jardins. Baby diz que foi o pai que mandou instalar no quiosque do jardim um chuveiro e uma banheira.

O par de leões, feitos de ferro, que ladeiam a escada que dá entrada aos salões principais da casa lá estão desde pelo menos o tempo de Rui, como registra a iconografia. Seriam também componentes do aspecto paisagístico original?

Hoje o jardim da Casa de Rui Barbosa apresenta dupla função: jardim histórico – local de memória e reflexão –, e jardim público, o oásis do bairro de Botafogo. Durante os últimos anos, as diversas intervenções paisagísticas e botânicas foram sendo realizadas ao sabor das administrações, das filosofias e principalmente das verbas disponíveis. Então encontramos fases diversas retratadas e resgatadas na memória desta instituição.

Ao pensar na possibilidade de expansão da Fundação Casa de Rui Barbosa, Lucio Costa, funcionário do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, visitou o terreno para concluir que o edifício-sede não deveria ser visível – não deveria interferir com o espaço histórico. Foi a partir do seu traço tosco, situando o prédio ao fundo do jardim, exatamente no ponto onde ficava o picadeiro, que o arquiteto Sergio Porto desenvolveu o projeto, inaugurado em 1978. Antes da construção do prédio, o terreno era ocupado por brinquedos de *playground*.





Durante muito tempo, o relatório de Miglietta foi o marco zero para todo e qualquer estudo sobre o jardim. Desde 1930 o jardim, tombado em 1938 como entorno da casa, foi tratado como parque público. Apesar dos portões, que lhe garantem a mesma privacidade do tempo do jardim residencial, seu uso era destinado numa primeira fase a complementar a leitura da casa, e com o crescimento do bairro e a redução drástica das áreas verdes, a ocupar o espaço de reserva natural no logradouro.

O uso público de um jardim tem vantagens e desvantagens. Enquanto foi encarado meramente como um parque público, como entorno da casa, a preocupação com o sentido de memória foi mínimo: desde a manutenção dos aspectos paisagísticos e botânicos, à preocupação com o levantamento de dados históricos.

Antes do projeto Jardins Históricos, da Fundação Pró-Memória, dirigido por Carlos Fernando Delphim, que deu início ao primeiro trabalho de pesquisa botânica e paisagística visando a recuperação, dentro do possível, da imagem original desse jardim, a própria contratação das firmas de jardinagem para os cuidados com o espaço trazia transtornos. Visando o lucro ou simplesmente desvinculadas de uma visão patrimonial e de memória, desrespeitando as simples regras de manutenção de espécies e do paisagismo originais, muitas delas aumentaram a defasagem estética.

Em 1978 a Casa de Rui Barbosa tinha um vínculo grande com a comunidade e com o público escolar, e o jardim era o cenário das atividades que pretendiam essa integração. Quando, em 1972, o Museu Casa de Rui Barbosa reabriu ao público depois de demoradas obras, o jardim começou a ser realmente encarado como espaço da comunidade. As atividades promovidas pelo museu, e que agregavam às vezes



mais de mil pessoas, buscavam promover a integração das famílias, a reflexão sobre a memória familiar, sua ligação com a memória social. Esse maior contato com a comunidade e a preocupação com os possíveis danos ao jardim criaram as primeiras atividades educativas, promovidas pelo museu, muitas vezes em ação integrada com a Biblioteca Infantojuvenil Maria Mazzetti. Eram atividades que convidavam ao convívio entre pais e filhos. Por meio de palestras, projeção de filmes e brincadeiras, promoviam atividades de conscientização quanto à importância da preservação da vida, da natureza e do ecossistema.

A partir dessa ideia, formou-se a imagem do jardim público, do jardim do público, do serviço público, do servidor público, que tem como função preservar, cuidar, estudar e divulgar a memória desse espaço. A memória de Rui e a nossa memória. A memória de cada um de nós que cotidianamente aqui trabalha, senta à fresca, namora e ama, embala os filhos, faz chá de bebê ou amamenta, passeia, muitas vezes, em carrinho de bebê ou em cadeira de rodas.

Recentemente o jardim da Casa de Rui Barbosa começou a ser visto através das suas múltiplas possibilidades e diferentes leituras: a histórica – que trata da memória de Rui naquele espaço; a paisagística – que observa traçado e paisagismo para embasar intervenções; a botânica – que trata do ecossistema, analisa e classifica espécies; a sociológica – que interage com o público usuário, embasa e direciona projetos; a mu-

ológica, que acolhe, cataloga e estuda o acervo de artefatos nele distribuído; e, por fim, a leitura educativa, que aborda a função essencial de disseminação da informação colhida pelas demais abordagens. A atividade arqueológica incorpora a partir deste ano mais um aspecto a ser privilegiado.

A ideia de alcançar o mais completo conhecimento possível sobre esse espaço surgiu a partir da mera constatação de que, após muitos anos de convívio diário com o jardim, as espécies, suas épocas de frutação e de floração, eram minimamente conhecidos pelos servidores e usuários. Passamos então a observar as flores e os frutos – ainda no pé, caídos, colhidos, abertos, com suas sementes.

Diz Maurice Halbwachs que a memória coletiva se constitui exatamente pela soma das memórias subjetivas, das experiências pessoais. Assim se constitui a memória do espaço que conforma esse jardim. É a memória reconstituída a partir de diferentes olhares. É o cruzamento das versões que possibilita a percepção mais próxima do todo. Pois esse lócus mudou de feição e de função sem que houvesse muita transformação física. E as lembranças colhidas concordam no essencial, que é o que podemos reconstituir.

Uma família unida em torno do patriarca. Uma mulher forte que através dos anos foi apaziguadora do gênio difícil do marido e administradora tranquila do lar harmonioso. Hábitos familiares em acordo com o tempo, a virada do século XIX para o XX. As crianças brincavam soltas na época das férias, porque estudavam em colégios internos. A casa era cheia de criados que nela viviam: três jardineiros, uma governanta, a criada de quarto, o cocheiro, o mordomo – a maioria, portugueses. O pão era comprado na padaria; o forno era usado para os grandes assados; as frutas viravam sucos, doces e geléias; as flores enfeitavam a casa, especialmente as festas, muitas vezes colhidas pelo próprio Rui. Que, diga-se de passagem, administrava dois jardins, pois a casa de veraneio, em Petrópolis, tinha jardim tão rico e belo quanto este.

O essencial ao equilíbrio desse jardim sempre esteve aqui. A presença humana em equilíbrio com a natureza.



O equilíbrio, resultado da eterna luta entre a águia e a serpente. Pois esse é o emblema desse jardim. A águia e a serpente. Escultura em concreto e metal: uma águia de asas espalmadas vence uma serpente de cuja boca sai um esguicho d'água que cai em jato curvo no lago principal, na frente da casa. A escultura já estava na casa quando Rui a adquiriu, mas parecia antecipar o apelido que este receberia ao retornar triunfante da Segunda Conferência Internacional da Paz, realizada em Haia, Holanda, em 1907.

Jardins são espaços de meditação, espaços de convívio com a natureza, trazendo-nos tranquilidade interior; remetem-nos ao Éden bíblico onde tudo era harmonia e equilíbrio. Assim, mais do que qualquer ligação com Rui Barbosa, é a principal característica de um jardim que o símbolo se reporta. À dualidade que existe em cada um de nós, à luta entre o certo e o errado, e entre o bem e o mal. A águia, capaz de elevar-se nos sentimentos superiores e a víbora que, rastejante, faz mover os mais baixos sentimentos.

Lugar de memória, assim designado pelo desejo governamental que em 1930 transformou o jardim da Casa de Rui Barbosa em próprio público. A casa e seu jardim desde essa época tornam-se referência para a nação. Rui Barbosa, por seus feitos e sua vida digna, um dos poucos mitos brasileiros, passava a integrar o panteão dos heróis brasileiros.

Sua casa e seu jardim foram abertos ao público para formar um cenário daquilo que se queria preservar: uma imagem e uma obra. Mas à medida em que, por meio da documentação histórica, da correspondência e dos depoimentos, a instituição aprofundava o estudo sobre o patrono – a figura humana de Rui, seus erros tanto quanto seus acertos – e uma interpretação mais amena da sua personalidade rígida começava a aparecer.

Parece que este museu está condenado a contar e recontar a mesma história, por meio de exposições e de textos, mas vale sempre repetir aquilo que, parafraseando

Pedro Nava em seu *Galo das trevas*,²⁶ “ficou impregnado no mata-borrão esponja dessa casa o que nela depositou o Tempo:” não apenas a história de uma vida, mas a memória dos sentimentos diversos que impregnaram esse espaço. Então a mensagem se renova sempre, pelos múltiplos temas e múltiplos olhares.

Quando se pensar jardim e museu como elemento único com função de memória, pensa-se necessariamente num novo conceito de museu, em que há muito pouco de classificação e catalogação de objetos, e muito mais de sensibilização, percepção e meditação. Pois o jardim, como já se disse, aguça os sentidos. O jardim está presente no recôndito de cada alma com o sentido simbólico do paraíso perdido. A integração da casa com o seu entorno, uma ilha de preservação ambiental e de história em face do perfil que essa cidade delinea, possibilita, mais do que tudo a reflexão sobre os sentimentos de que aqui falamos. A tranquilidade, a presença do divino, o sentimento de pertencimento – a uma família, a uma instituição, a um bairro, a uma cidade, a uma nação, a um planeta que cada vez mais precisa conhecer a sua memória e descobrir o seu ponto de equilíbrio.

Incorpora-se, então, a esse lócus de memória e de vida, o cotidiano de todos aqueles que, a partir de 1930 e da abertura do jardim ao público, fizeram uso desse jardim como frequentadores, visitantes ou servidores da instituição. Pois mais de setenta anos de serviço público ligam também ao espaço os trabalhadores empenhados no seu trato, cultivo, administração e estudo. Cada um com suas memórias pessoais ligadas a ele: crianças de todos os tempos subindo nos leões, pegando girinos nos laguinhos, observando os pássaros, os micos, as tartarugas e os peixes.

²⁶ NAVA, Pedro. *Galo das trevas*.



CONCLUSÃO

A população teria de condensar-se, espremer-se enquanto houvesse uma nesga de solo para cobrir com um prédio, banindo do povoado a árvore, a planta, a flor, os espaços consagrados ao saneamento pela vegetação, as clareiras benfazejas, onde se desafogam os pulmões da multidão humana comprimida entre as massas de alvenaria onde ela se acumula.

Rui Barbosa. *Revista do Instituto dos Advogados do Brasil.*

Como relator de projeto de casas para os operários, Rui Barbosa parecia prever o destino do seu próprio jardim: o de suprir a necessidade de natureza numa população empurrada para o concreto das construções e a turbulência das ruas asfaltadas.

“A gente só vem ao jardim, a gente gosta é do jardim” – a frase espelha o que metade dos frequentadores do jardim sente. Foi recolhida em questionário destinado a levantar o perfil do usuário do jardim da Casa de Rui Barbosa, parte de um projeto desenvolvido pela museóloga Christine Correa. O usuário deste jardim muitas vezes está desvinculado do Museu e da figura de Rui, mas não dos sentimentos e do sentido de natureza já descritos. Apenas metade dos entrevistados conhecia o interior do Museu, no entanto a grande maioria frequenta o espaço diária ou semanalmente. O frequentador mais assíduo tem alguma ligação com Botafogo e muitas vezes vem ao jardim da Casa de Rui Barbosa trazendo crianças ou idosos. Vem pelo silêncio, pelo verde, pelo “contraste com a vida lá fora”.

Duplo e difícil papel – suprir as necessidades que a comunidade apenas pressente possuir. O contraste com *a vida lá fora* abrange muito mais do que uma área verde e silenciosa. Estudos como o do historiador Eduardo Silva²⁷ ampliam o valor cultural



²⁷ Eduardo Silva no seu livro *As camélias do Leblon e a abolição da escravidão* trata da relação entre os três pés de camélia, plantados emblematicamente no jardim fronteiro e na alameda de entrada da Casa de Rui Barbosa, e o movimento abolicionista.



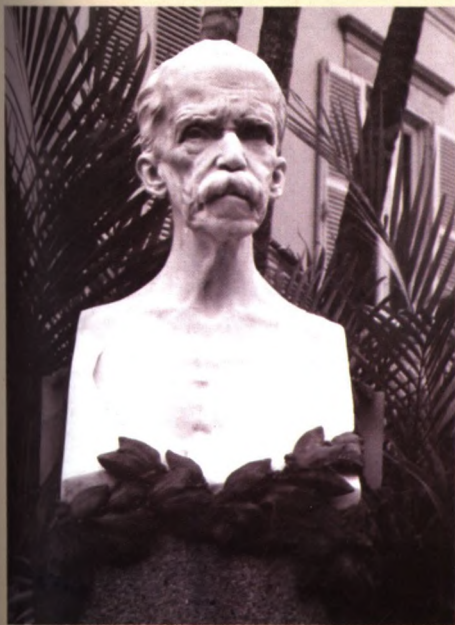
desse espaço. Projetos como o do estudo dos aspectos botânicos das espécies aqui plantadas, o da visão do jardim como um ecossistema e o da prospecção arqueológica do terreno prometem uma gama cada vez mais diversificada e especializada de conhecimento, que deve ter sempre como objetivo a divulgação e o enriquecimento cultural. A observação de tudo aquilo que está aqui plantado e erguido inclui cada usuário do jardim. Tão importante quanto usufruir daquilo que a natureza traz ao espírito é tomar posse e fazer uso da informação obtida a partir da pesquisa e da vinculação com os aspectos museais da Casa. Mais importante ainda é ter consciência desse direito.

INVENTÁRIO DO ACERVO MUSEOLÓGICO LIGADO AO JARDIM

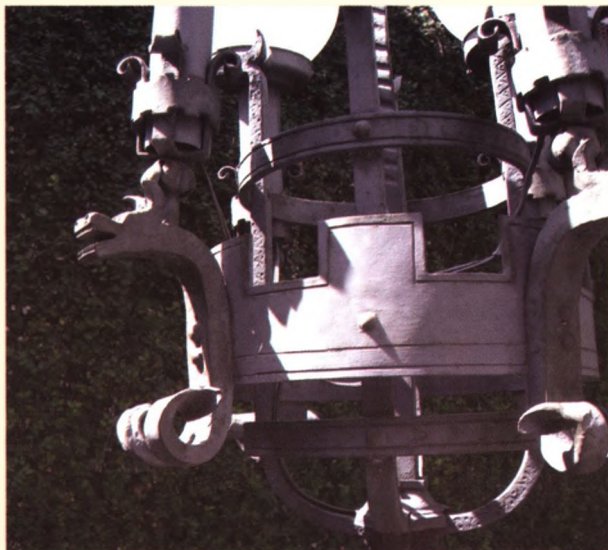


Estátua alegórica: águia e serpente em estrutura de cimento e ferro pintados de cinza, apoiada sobre estrutura de cimento imitando rocha. A cabeça da serpente está voltada para cima, e na sua boca aberta, dispositivo para a saída de um esguicho de água. Século XIX.

Par de leões andantes acostados, em bronze. Ladeiam a escada da fachada da casa. Século XIX.



Herma de Rui Barbosa em mármore branco sobre pedestal de granito, obra de Rodolfo Pinto do Couto para a qual Rui Barbosa posou em 1918. Oferecida pelo governo do estado da Bahia em 1936.



Luminária em ferro pintada em grafite, decorada por cabeças de animal estilizadas. Cada ponto de luz possui um globo de vidro branco fosco. Peça em estilo renascença. Século XX.

Bomba d'água em ferro pintado de verde, fixada em tábua de madeira. Suporte para alavanca que termina em S. Registro com castelo em T. Século XIX.

Três **tesouras de jardinagem** de metal. Hastes que se abrem por sistema de mola, com fecho nas extremidades das hastes para mantê-las fechadas. Com elas Rui Barbosa podava suas roseiras. Século XX.

Álvaro Teixeira, 1928. **Retrato do presidente Washington Luís Pereira de Souza**, trajando fraque, com camisa branca, de colarinho alto, com pontas quebradas e gravata borboleta branca e faixa presidencial. Moldura de madeira retangular dourada encimada pelas Armas Nacionais. Óleo sobre tela.

Álvaro Teixeira, 1928. **Retrato de Augusto Vianna do Castelo**, ministro da Justiça do governo Washington Luís.

Álbum encadernado com moldura de couro de cobra e centro liso, decorado por frisos, pontos e trevos de quatro folhas, nos ângulos. Ao centro, fachada do museu. Cinco folhas com relatório da restauração do jardim, de Vittorio Miglietta, seguidas de 19 fotos das etapas da obra. 1930.

Garrafa em cristal translúcido com tampa esférica e lapidada. No gargalo, em prata, marca Mappin & Webb, e laço de fita verde e amarela. Contém água do rio São Francisco, mandada buscar pelo dr. Batista Pereira, com autorização do então presidente Washington Luís, para o plantio do pau-brasil, quando da inauguração da Casa de Rui Barbosa.

Quiosque em madeira, octogonal, pintado de marrom, com paredes em tábuas sobrepostas e cruzadas. Telhado em madeira, revestido externamente com folhas de zinco, em formato de campânula. Em volta, lambrequins de madeira recortados e vazados. Internamente, uma caixa d'água de metal de onde sai um chuveiro. Piso de ladrilhos hidráulicos brancos, de forma octogonal, entremeados de outros quadrados e vermelhos. Banheira retangular no nível do piso. Século XIX.





Seis **vasos** de planta em mármore branco, com forma de cratera, parte inferior formada por 24 gomos em relevo e pé se abrindo para baixo, preso por vergalhão à base quadrada.



Par de luminárias em ferro, decorada por patas de bode com terminação de folhagens em relevo, máscaras do deus Pã, dispostas na parte de cima de cada haste. Ao alto, cinco pontos de luz.



Par de luminárias de bronze, em forma de mulher, pintadas em grafite. Representam provavelmente a aurora e o crepúsculo. Origem desconhecida.

Grade e portão de ferro: conjunto que guarnecia um pequeno espaço onde a filha de Rui, Maria Luiza Vitória Rui Barbosa Guerra, mantinha seus pintos Leghorne.

Pá de metal e cabo de madeira, onde está fixada placa com a inscrição: Com esta pá, o presidente da República Washington Luís Pereira de Souza plantou o pau-brasil na Casa de Rui Barbosa no dia de sua inauguração, a 13 de agosto de 1930.

BIBLIOGRAFIA

- BANDEIRA, Carlos Viana. *Lado a lado de Rui*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1961.
- BARBOSA, Rui. *Revista do Instituto dos Advogados do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 41, p. 39, dez. 1973.
- CORREA, Christine. *Conhecendo o usuário do jardim do Museu Casa de Rui Barbosa: análise do questionário aplicado*. Rio de Janeiro: 2001. Documento de trabalho da Fundação Casa de Rui Barbosa.
- EMETRÊS, *A Casa de Rui Barbosa: sua arquitetura e sua história*. Rio de Janeiro: 1980. Monografia.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Rui Barbosa: cronologia de vida e obra*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.
- FERREIRA, Sonia Alves. *Os jardins do Águia*. Rio de Janeiro, 1983. Monografia (Graduação em Museologia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- HALBACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista Editora dos Tribunais, 1990.
- LANGSDORFF, E. de. *Diário da Baronesa E. de Langsdorff relatando a sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento do príncipe de Joinville: 1842-1843*. Santa Cruz do Sul: Mulheres, 2000.
- LOBATO, Monteiro. O jardineiro Timóteo. In: _____. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1955. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 3).
- MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.
- MEIRELES, Cecília. *Pequena história de uma grande vida*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1949.

- MELO, J. Soares. *História da Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1974.
- RANGEL, Aparecida Marina de Souza. *Arqueologia do patrimônio: memória e poder na década de 30*. Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) – Centro de Ciência Humanas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- REIS, Cláudia Barbosa. *O Rio de Janeiro na obra de Pedro Nava*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TERRA, Carlos Gonçalves. *O jardim no Brasil do século XIX: Glaziou revisitado*. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS

- 7/17/21/26/27/39/40 Acervo FCRB
- 10/14/16 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
- 25 Augusto Malta, 1911 (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro)
- 4/8/9/34/42/48/49/50 Fausto Fleury (acervo FCRB)
- 13 Marc Ferrez, 1906
- 23/36/44/46/51/53 Marcel Gautherot
- 30 Revista *Fon-Fon*, 1911
- 11/18/19/24/38 Vittorio Miglietta, Obras de reconstrução do jardim, 1930 (acervo FCRB)



Estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa

1. Álbum de objetos decorativos
2. Indumentária
3. Homenagens
4. Saúde, higiene e toalete
5. Viaturas
6. Memória de um jardim

Ministério da
Cultura



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Casa de Rui Barbosa

Rua São Clemente, 134
Rio de Janeiro, 22260-000
Tel.: 21.32894600
fcrb@rb.gov.br
www.casaruibarbosa.gov.br

ISBN 987-85-7004-270-5



9 878570 042703 >